

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	Diário Catarinense
Fonte	19/2/97
Data	1609
Class.	6

UX JORNAL

DIÁRIO CATARINENSE
FLORIANÓPOLIS - SC

PUBLICADO EM:
19 FEV 1997

1997	190									1609	6
------	-----	--	--	--	--	--	--	--	--	------	---

Alunos kaingangues retornam às aulas

Paulo Edson Paim
IPUAÇU

Os cabelos são lisos e negros. A estatura é baixa. Meninos e meninas têm um jeito tímido, olhar humilde e pele queimada pelo sol. Os estudantes da Escola Básica Vitorino Condá são todos kaingangues. Têm sobre as costas desafios como aprender a língua e a cultura branca, para tentar não ser marginalizados e, ao mesmo tempo, a preocupação de seus pais para que eles continuem cultuando as tradições nativas. São esses menores que mantêm nos velhos índios a esperança de que os costumes da raça sejam perenizados. No início da semana, mais de 500 kaingangues voltaram às aulas, na reserva indígena Xapacó, município de Ipuacu, no Oeste do Estado, onde está concentrada a maior reserva indígena de Santa Catarina. Trezentos e um alunos estão matriculados na Vitorino Condá, única escola básica de todo o Brasil localizada dentro de uma reserva indígena.

Em Ipuacu são 10 escolas isoladas de 1ª a 4ª série. Na Vitorino Condá são seis salas e as aulas são em dois turnos. A língua kaingangue faz parte da educação diária dos índios. Os alunos de 5ª a 8ª têm duas aulas semanais. Até a 4ª série são dois períodos diários, com 45 minutos cada. As aulas de língua são ministradas em Língua Portuguesa e kaingangue simultaneamente. Os professores da língua

EDUCAÇÃO NA ALDEIA

Temas fundamentais da escola na educação dos kaingangues

☐ Igualdade entre brancos e índios

- ★ Direitos e deveres da comunidade
- ★ Domínio dos recursos da natureza
- ★ Reflexão

☐ Dignidade

- ★ Crítica
- ★ Comunicação
- ★ Solidariedade
- ★ Participação
- ★ Comprometimento

indígena são índios, formados através de um projeto da Universidade de Ijuí (Unijui).

LIVROS MONTADOS - Dos 14 professores da escola, seis são índios, com formação bilingüe. Pedro Alves de Assis Kresó e Loreni Nokriç Paulo são os mais experientes. Eles têm uma missão quase pioneira na prática docente: montar os livros que formarão a literatura kaingangue, já que não há material pronto disponível. "A língua foi perdida e na escola estamos tentando fazer esse resgate", explica Eliane Maria Cassol, diretora da escola. Ela também planeja ampliar o

trabalho dos alunos com artesanatos, possibilitando-lhes também uma fonte de renda.

Um dos grandes problemas no início do período letivo dos kaingangues de Ipuacu é o transporte. Pelas normas da comunidade indígena, todos os alunos que concluíram a 4ª série nas 10 escolas básicas da aldeia precisariam ser transportados para a Escola Federal Vitorino Condá. Mas para isso o itinerário diário chega a 400 quilômetros e nem a escola, mantida pelo Estado e Funai, nem a prefeitura de Ipuacu têm condições de bancar as despesas com os ônibus. "Estamos tentando conseguir o apoio do Estado", diz o prefeito de Ipuacu, Luiz Antônio Serraglio, que administra um município de 8 mil habitantes, onde 700 famílias são kaingangues.

HISTÓRIA - Desde 1912 os índios têm aulas de sua língua nativa. Naquele tempo, o estudo era domiciliar, com o professor indo até os índios. Em 1960, foi construída a primeira escola na reserva Posto Indígena Xapacó, interior de Ipuacu. O objetivo da escola desde sua fundação é agir diretamente no aprendizado dos jovens, ensinando-lhes a língua, o trabalho com artesanatos e os costumes da raça. O nome da escola foi dado em homenagem ao índio Vitorino Kondá, um cacique que teve participação decisiva na demarcação das terras indígenas no Oeste.

Escola Itinerante leva o saber ao Interior de Lages

Valquíria Guimarães
LAGES

"Se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai a Maomé", diz o provérbio que define a vontade das pessoas perseguirem seus sonhos e lutar pelos seus objetivos. Foi exatamente esse desejo de mudança que deu há quatro anos outro sentido para a vida de Viviane Aguiar, uma adolescente de 16 anos que mora com a família na localidade de Mirante, interior de Lages. Filha de gente simples, que tira o sustento da terra, Viviane não hesita em confessar quando lhe perguntam o que vai ser quando crescer. A caçula de uma família de sete filhos quer ser arquiteta e para isso não poupa esforços.

Para a garota, não é nenhum sacrifício levantar cedo e pegar o ônibus que duas vezes por semana a transporta para o saber. Às 5h45min da manhã, ela desperta, toma banho, prepara o café, arruma os cadernos e os livros e rumo à parada de ônibus perto de sua casa. Viviane está na 7ª série e há quatro anos repete este ritual estudantil. Junto com um contingente de 500 alunos, Viviane frequenta as aulas da Escola Itinerante de Lages, que por sinal é o município pioneiro nesta iniciativa que completa 12 anos no dia 1º de março de 1997.

ÔNIBUS DO SABER - Como o próprio nome se define, a Escola Itinerante leva o saber até as localidades do Interior. A princípio, ela vai de ônibus. Mas dependendo das condições das estradas, também pode ir de Kombi, trator ou até de

caminhão. A Escola Itinerante sai cedo de Lages. Ainda nem o dia despontou e já está rodando na estrada, tomando o seu rumo. José Levi Pereira dos Santos conhece de cor todas as curvas, atalhos e recortes dos percursos. Sem dúvida, sabe muito bem o mapa geográfico da Escola Itinerante. Afinal, há nove anos engata a mesma marcha. Além de motorista, Levi pôe literalmente a mão na massa. Como os professores iniciam as aulas às 8h, param ao meio-dia e voltam às 14h até às 17h, ele é o encarregado da cozinha. E todos anunciam que é um cozinheiro de "mão cheia". Já ele prefere desconversar, negar essa qualidade e afirmar que aprendeu a cozinhar na marra. Seu negócio é mesmo dirigir.

SALÃO VIRA SALA - Pelo caminho, Levi vai recolhendo os professores e os alunos. Juntos chegam ao seu destino final: o salão paroquial de qualquer uma das nove localidades do interior do município. Ali, o salão vira sala de aula. Carteiras são arrumadas e o quadro negro é improvisado. Mas, na hora da aula, nem o microônibus, com capacidade para 22 pessoas, é poupado. Ele também se transforma num dos palcos do saber. Vinte professores se dividem de segunda a sábado para atender os três núcleos de 1º grau e um de 2º grau. As localidades assistidas pela Escola Itinerante são Caetano Várzea, Passos dos Fernandes, Santa Teresinha do Salto, Rancho de Tábuas, Vacas Gordas, Escurinho, Casa de Pedra, Índios, Lumbedor e Coxilha Rica. Destas, a mais perto é a de Índios, localizada a 12 quilômetros de Lages. Já uma das mais distantes é a de Coxilha Rica, 50 quilômetros de estrada de chão.

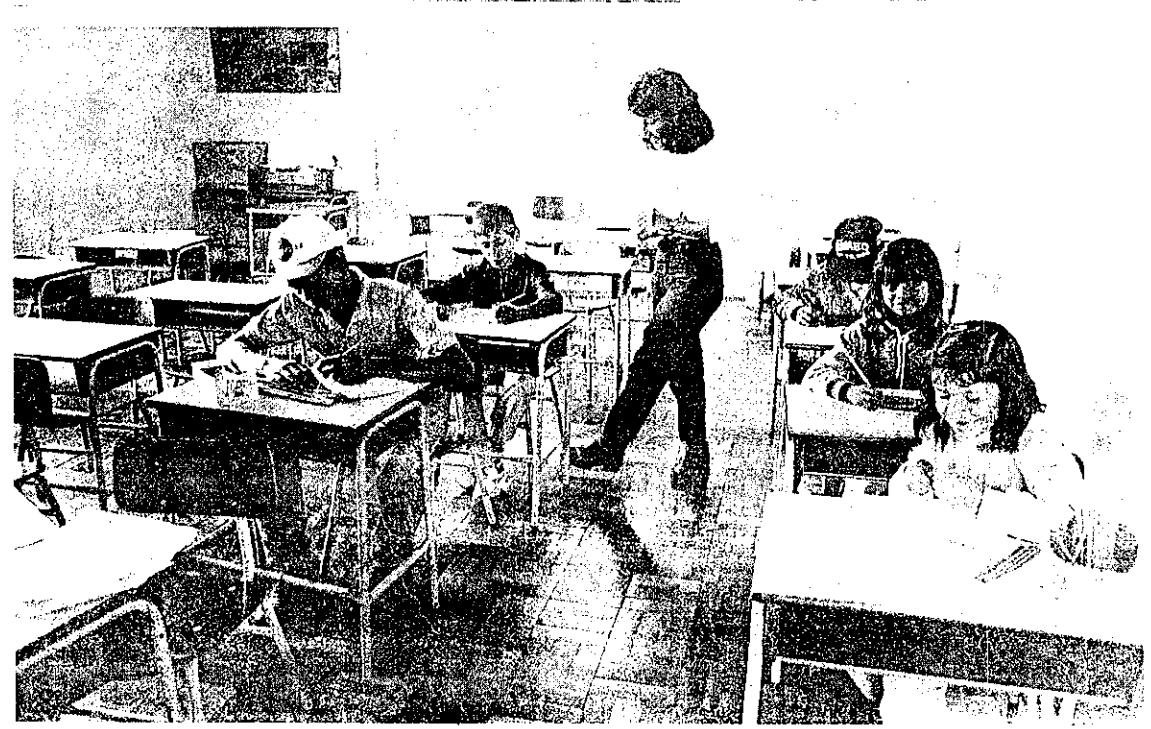
VIDE-VERSO

INSTITUTO
Documentação
SOCIOMBIENTE
Fonte: *Diário Catarinense*
Data: *19/2/97* Pg. *1*
Class: *1601*

LUX JORNAL

DIÁRIO CATARINENSE
FLORIANÓPOLIS - SC

PUBLICADO EM:
19 FEV 1997



IRINEU DALLA VALLE/DCI/Ipac

DESAFIO: Pequenos estudantes aprendem a língua e a cultura branca, mas há a preocupação de continuar cultuando as tradições nativas

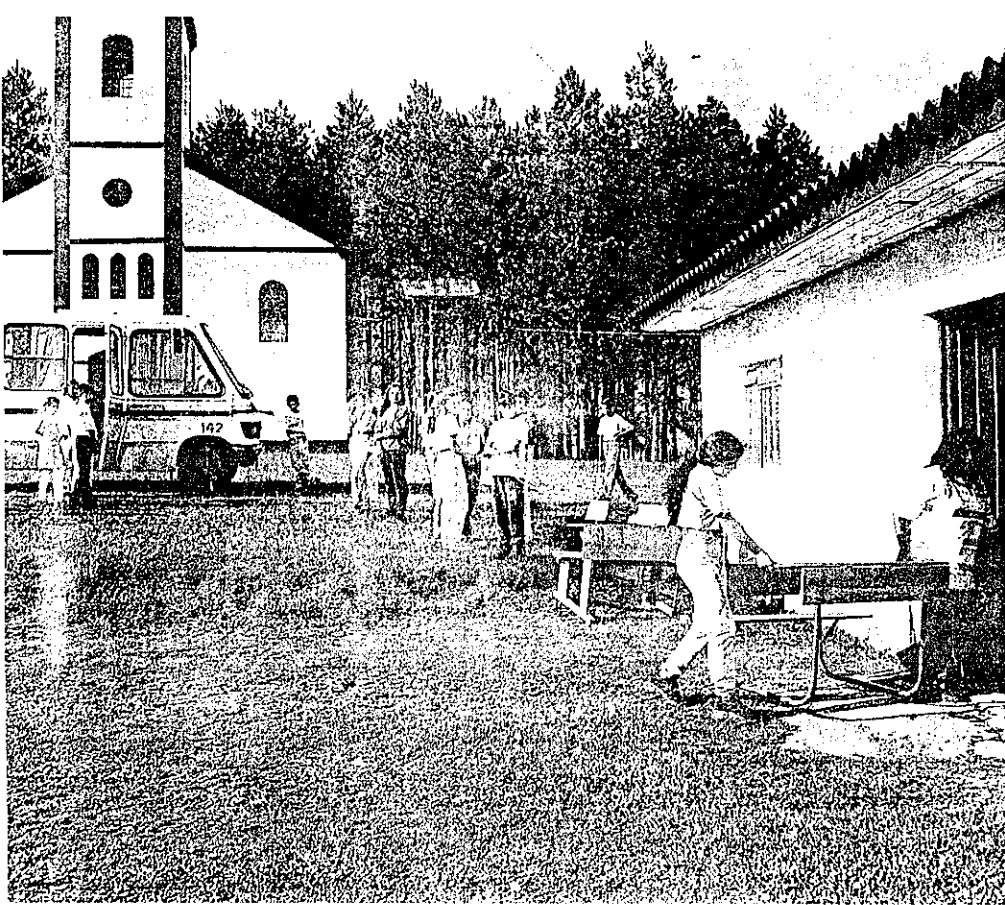
Professores contam os casos de beira de estrada

Nessas andanças pelo Interior, uma coisa é certa para os docentes que renunciaram a comodidade da vida escolar urbana e toparam o desafio de levar a educação até o campo: casos é o que não falta para contar. Há casos engraçados. Momentos de tensão e de emoção. Mas o que também chama a atenção é o renascer de um sentimento de orgulho e de prazer - já até esquecidos - pelo ofício de ensinar. Claudete Aparecida Marinho dedicou 17 dos seus 40 anos para a educação. Desde que a Escola Itinerante começou a dar seus primeiros passos, em 1985, ela trocou de imediato a cidade pelo campo. Confessa que não relutou em aceitar este desafio. "Senti que era uma proposta diferente e topei o desafio", diz convicta. Conta que o que mais impressiona é o valor que o pessoal do Interior dá para o professor.

Reconhecimento, que na cidade não existe mais, se perdeu no tempo, observa Claudete, que por duas vezes foi diretora da Escola Itinerante. "Mas gosto mesmo é de estar numa sala de aula", afirma. Para ela, um dos maiores problemas é quanto às condições das estradas que cortam o Interior de Lages. "São precárias e quando chove então, a situação piora", observa.

Eliane Souza, que leciona Língua Portuguesa, está há sete anos na Escola Itinerante e lembra que já passou por muitos apertos. "Já cheguei em casa com barro até o pescoço", exagera. Ela recorda da vez que teve que empurrar o ônibus que atolou no barro. "De tanto forçar, o pneu arrebentou e queimou as pernas da gente." Outro momento difícil foi quando choveu muito e a estrada ficou tão alagada que tiveram que pernoitar na casa de um aluno.

Para os mestres, a Escola Itinerante é uma experiência única de vida. Faça sol, chuva, frio, calor, caia neve ou geada, eles confessam que estão sempre prontos para pegar os livros e ir para a estrada embarcar na viagem do saber. Um tanto tímido no meio de quatro mulheres, o professor de Matemática, Paulo Tomasoni, que há 10 anos está na Itinerante, arrisca comentar que o desafio vale a pena. Para este ano, somam-se ao grupo um professor de Inglês, de Educação Física e um técnico agrícola, que será responsável pelas aulas práticas dos alunos.



FRANCISCO MARQUES/DCI/Lages

SEM FRONTEIRA: Escola Itinerante tem como destino o salão paroquial de qualquer uma das nove localidades do Interior

INSTITUTO



Documentação

DOCUMENTO

Fonte *Diário Catarinense*

Data *19/2/97*

Class. *1607*

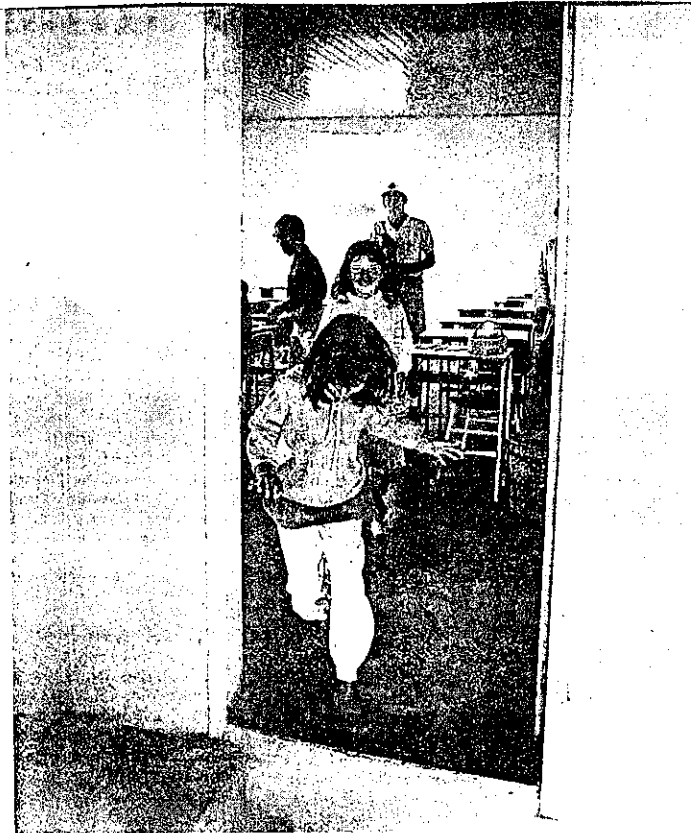
LUX JORNAL

DIÁRIO CATARINENSE
FLORIANÓPOLIS - SC

PUBLICADO EM:

19 FEV 1997

										1607	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	------	--



IRINEU DALLA VALLE/DC/Ipasu
NA RESERVA: 301 alunos estão matriculados na Escola Básica Vitorino Condá